



Relacionamento com o Povo Iraquiano Perspectiva de um Soldado Árabe-Americano

Sargento Mounir Elkhamri, Exército dos EUA

Nota do editor: O autor recentemente cumpriu um desdobramento de 18 meses no Iraque onde serviu no Destacamento Operacional de Forças Especiais Alfa como tradutor pessoal e conselheiro cultural do comandante da Força-Tarefa Freedom (um comando liderado por um General-de-Brigada). A variedade de missões realizadas foi possível devido a sua fluência no idioma árabe e sua familiaridade com a cultura local. Ele escreveu este artigo como contribuição para as unidades que irão desdobrar-se e para as que já se encontram em operação no Iraque. É a visão de um soldado sobre o que estamos fazendo de correto e o que podemos fazer para melhorar.

O Sargento Mounir Elkhamri é analista do Oriente Médio no Escritório de Estudos Militares Estrangeiros no Forte Leavenworth, Kansas. Ele possui fluência nativa de árabe e fluência em francês e alemão. Possui o título de Bacharel pela Universidade de Missouri na Cidade de Kansas e atualmente estuda para seu mestrado em Estudos do Oriente Médio.

*FOTO: O autor caminha com crianças iraquianas em Tal Afar, Iraque (15 de outubro de 2005).
Departamento de Defesa*

EMBORA AS FORÇAS da Coalizão tenham estado operando no Iraque por mais de três anos, alguns comandantes ainda não entenderam completamente o nível de importância que os fatores humanos e culturais exercem no êxito de uma contra-insurgência. Comandantes precisam entender que a luta não convencional ocorre, principalmente, em torno dos iraquianos e não dos insurgentes, considerando-se que os iraquianos são o centro de gravidade desta guerra. Enquanto as forças da Coalizão continuarem a medir seu progresso cotidiano somente com o número de terroristas eliminados e o de suspeitos detidos, o sucesso real da missão será adiado. Se as forças da Coalizão combaterem somente a insurgência e não conseguirem mobilizar o povo iraquiano, a insurgência será provavelmente prolongada.

O que podemos fazer para que os iraquianos nos apoiem na contra-insurgência? A resposta é simples — melhorar sua qualidade de vida e aumentar o nosso treinamento cultural antes do desdobramento para que nossos comandantes e seus subordinados estejam capacitados a compreender e responder às necessidades do povo iraquiano.

Conhecimento Cultural

Não podemos esperar que as tropas entendam a cultura iraquiana simplesmente ao assistir uma apresentação de PowerPoint® de uma ou duas horas. O adestramento cultural deve representar uma grande fatia do treinamento pré-desdobramento das tropas, especialmente para as unidades operacionais e de assuntos civis. Durante esta fase as tropas devem aprender palavras árabes básicas, entender o Islã familiarizar-se com o terreno, conhecer a história local, os grupos étnicos e o nível de cooperação e atividades prévias da Coalizão em sua área de operações (A Op).

Em uma operação militar perfeita, a unidade que estivesse saindo da A Op forneceria todos aqueles dados à unidade que estivesse chegando, de forma que as informações ficassem disponíveis para todos os líderes e seus subordinados. Contudo, as unidades que estão se preparando para regressar raramente possuem tempo ou recursos para desenvolver um extenso *briefing* com as unidades que estão chegando. Logo, uma outra linha de ação seria a formação de um “Centro Iraque-Afganistão” que faria os *debriefings*, a coleta e preparação dessas informações e de outras lições aprendidas por comandantes e tropas que estivessem retornando. Este centro poderia adestrar as unidades que estão se desdobrando em assuntos culturais, nas necessidades do povo local e nos eventos significantes de suas A Op, bem como fornecer as lições gerais aprendidas em outras A Op.

O conhecimento cultural adquirido no pré-desdobramento ajudará as tropas por ocasião da realização de patrulhas e incursões a pé, do serviço nos centros de controle ou quando interagirem com o povo local. Permitirá que comandantes de tropas e pessoal de assuntos civis tenham uma boa noção sobre o que devem esperar daqueles que estão no terreno e, também, ajudará no processo de planejamento.

No Solo Iraquiano

Uma vez no teatro de operações, com um entendimento abrangente da cultura, os comandantes podem melhor relacionar-se com o povo. Os comandantes devem despende um bom tempo engajando-se com os líderes locais e interagindo com o povo para entender

suas necessidades e expectativas; suas relações políticas, religiosas, sociais e as maiores preocupações da comunidade.

Durante essas missões, os comandantes e seus estado-maiores precisam avaliar a influência, qualificações e capacidades dos membros do Governo e dos oficiais das Forças Armadas do Iraque na área. Durante meu desdobramento, testemunhei várias nomeações de oficiais iraquianos para vice-governadores, prefeitos e chefes de polícia baseadas em laços familiares e políticos ao invés de qualificações ou competência. Conheci vários comandantes no Exército e na Polícia iraquiana que foram promovidos de tenente a tenente-coronel ou de major a general e nomeados para comandar batalhões ou brigadas por razões políticas. Essas nomeações e promoções nunca foram bem aceitas pelos iraquianos locais. Com um melhor entendimento das relações sociais em suas A Op, os comandantes estariam mais capacitados a reconhecer e até mesmo, evitar situações que desestabilizassem a comunidade.

Com o conhecimento da cultural local, os comandantes perceberão que terão que prestar atenção em como interagir com os mukhtars, xeques, prefeitos e outros líderes árabes. Um comandante deve se esforçar para não visitar com tanta frequência ou passar tempo demais com um único líder, pois isso, poderá ser considerado como favoritismo para certos indivíduos, tribos ou vilarejos.

Esses contatos consomem muito tempo, exigem muita paciência e até podem interferir nas operações cotidianas, mas são essenciais para manter um canal de comunicação aberto; de fato, esses engajamentos são essenciais para a estabilidade da A Op. Os comandantes devem reunir-se com os líderes locais cada semana para compartilhar informações, discutir os assuntos críticos da área e determinar como que podem ajudar a resolver os problemas.

Principais Preocupações Iraquianas

Durante seus contatos com os membros locais iraquianos, os comandantes conhecerão as principais preocupações da comunidade. Essas podem incluir assuntos como a necessidade de melhorar a segurança ou a necessidade de

se substituir oficiais do governo corruptos na área, mas, por todo o Iraque, as preocupações mais importantes são combustível, eletricidade, emprego e tratamento de saúde.

Falta de combustível. Como o Governo iraquiano continua a ter problemas com a falta de combustível e sua demanda está aumentando, cada A Op carece de um plano de controle de combustível. Os comandantes devem usar as forças de segurança iraquianas e oficiais locais para desenvolverem um plano de distribuição de gasolina nos postos localizados em suas A Op. Um plano muito eficiente foi executado no vale do rio Tigre, em uma área 40 milhas (64 km) ao sul de Mosul. Pequenas frações da polícia local e do exército iraquiano foram enviadas a todos os postos de gasolina para manter a ordem, assegurar uma distribuição justa e, o mais importante, eliminar a manipulação dos preços e as vendas do combustível no mercado negro. Esta medida permitiu que cidadãos iraquianos abastecessem seus carros com combustível pelo mesmo preço cobrado em qualquer outro posto de gasolina. Também evitou que ficassem na fila o dia inteiro, só para descobrir que não havia mais combustível porque o dono do posto tinha vendido a maior parte dele a um comerciante do mercado negro.

Eletricidade. A distribuição de eletricidade no Iraque não é confiável e é fornecida injustamente. Por exemplo, em Mosul, alguns bairros tinham eletricidade por mais de 20 horas por dia, enquanto que outros bairros do outro lado da cidade tinham apenas 4 a 6 horas por dia. Se a eletricidade das duas áreas vem da mesma usina, por que a distribuição é desigual? Resposta: os insurgentes ou oficiais do governo iraquiano local controlam a distribuição de eletricidade.

Freqüentemente, os insurgentes destroem as linhas de abastecimento de eletricidade de certos distritos porque usam esses locais como refúgios. A falta de eletricidade significa que não há luz durante a noite — uma desvantagem para as forças da Coalizão que têm que executar incursões noturnas. Também, os insurgentes desligam a eletricidade para sinalizar que as forças da Coalizão estão na área.

A segunda razão para a distribuição irregular de eletricidade é que alguns dos oficiais do Governo iraquiano pressionam os engenheiros das usinas

a fornecer energia durante todo o dia para seus bairros ou cidades. Eles não se preocupam com a falta de energia em outras áreas.

Em qualquer caso, os comandantes da Coalizão devem se envolver para resolver o problema. Devem recomendar que comandantes da força de segurança iraquiana aumentem o número de patrulhas em torno das usinas ou até posicionem um pelotão ou uma pequena fração em cada uma dessas unidades geradoras. Se o egoísmo de um oficial local iraquiano é a razão para a distribuição injusta, o comandante deve tentar resolver este assunto diretamente com aquele oficial. Ao mesmo tempo, o comandante deve conduzir o assunto pela cadeia de comando, embora isso possa levar meses e às vezes anos para que o Governo iraquiano tome medidas corretivas.

Emprego. Como os iraquianos sempre ficam animados com a chance de ganhar um emprego com a chegada de uma nova unidade à área, os comandantes devem planejar suas missões de assuntos civis antes de entrar na área de operações. Uma grande parte do planejamento deve ser baseada nas informações da unidade que está sendo substituída, pois a nova tropa precisa saber quais projetos têm prioridade. Isso vai permitir, também, que os novos membros de assuntos civis não cheguem a conclusão de que cada aldeia precisa de novas escolas, novas ruas, projetos de água e outros investimentos na infraestrutura. A realidade é que as necessidades de infraestrutura iraquiana variam entre aldeias e cidades. Um plano eficaz de assuntos civis deve ser baseado nas necessidades de diferentes setores e deve levar em consideração o que as forças da Coalizão já fizeram. Também deve incluir todos os projetos de longo prazo previamente discutidos com os residentes, para que ambas as equipes de assuntos civis, a que entra e a que sai, tenham as mesmas informações.

Após um mês da chegada ao país, deve-se começar a discutir a lista de projetos para a área com os xeques, prefeitos e mukhtars locais. O oficial de assuntos civis deve explicar aos residentes que a lista de projetos é o resultado da coordenação com o comandante da unidade anterior e com o feedback recebido da própria comunidade local. Desta maneira, o oficial de assuntos civis demonstra que a participação iraquiana é importante e é incorporada aos planos

da Coalizão. Isso minimizará a desconfiança que o povo local possa ter com a nova equipe de assuntos civis durante o período de transição. Infelizmente, as unidades que estão saindo, às vezes, prometem a uma aldeia um projeto que nunca é iniciado porque a unidade que está chegando decide que não é prioridade ou porque os líderes não querem ficar envolvidos nas atividades de assuntos civis.

A equipe de assuntos civis deve estabelecer um processo de licitações justo e igual para todos. Este processo deve proporcionar prioridade aos contratantes locais, mas se alguém fora da área ganhar deve ser exigido do vencedor que contrate pessoas locais para trabalhar no projeto. Esta abordagem atenderá ao povo local e à Coalizão com a criação de empregos na área. Também permitirá a seção de assuntos civis supervisionar o empreiteiro quando este falar com os trabalhadores locais. A equipe de assuntos civis também deve prestar muita atenção ao empreiteiro que sempre ganha as licitações, porque os iraquianos podem interpretar isso como favoritismo.

As unidades devem avaliar o histórico dos empreiteiros antigos e atuais, particularmente com respeito a qualidade do trabalho. Já ocorreram problemas com empreiteiros que começaram um projeto, mas nunca o terminaram e, em alguns casos, receberam o dinheiro do trabalho e desapareceram até que novas unidades chegassem à área. Naquele momento eles reapareceram, participaram das licitações e ganharam novos projetos, porque a nova seção de assuntos civis não sabia dos antecedentes daqueles empreiteiros.

Além disso, a equipe de assuntos civis deve fazer um trabalho acurado para determinar o custo de um projeto antes de colocá-lo na lista de licitações. Segundo cidadãos iraquianos, a Coalizão já pagou caro demais por muitos projetos realizados.



O Gen George W. Casey Jr. e o Ministro do Interior Iraquiano, Bayan Jabr, visitam o governador de Ninewa, Dreid Kashmoulah, em 25 de julho de 2005. Da esquerda para a direita: Vice-Governador de Ninewa, Dr. Khasrou Goran; Casey; Jabr; o autor e Kashmoulah.

Departamento de Defesa

Tratamento de saúde. A saúde pública no Iraque é precária e frequentemente o tratamento de saúde é no máximo básico. Como os serviços de saúde iraquianos não possuem infra-estrutura médica, equipamento e pessoal especializado, a Coalizão deve aproveitar a oportunidade para fortalecer os laços com o povo local ao criar um programa de assistência médica que satisfaça as necessidades médicas básicas iraquianas. O programa deve consistir de visitas frequentes de médicos da Coalizão às clínicas, hospitais e aldeias para conduzir avaliações e proporcionar tratamento médico básico. Tal programa beneficia o povo local, além de proporcionar treinamento para médicos e enfermeiras iraquianas. Os programas de saúde da Coalizão não devem se tornar o principal tipo de tratamento na região, mas podem fortalecer os laços com a comunidade local.

Desenvolvendo Laços com a Comunidade

Durante o tempo que estive na operação, tive a oportunidade de observar várias unidades dos EUA, da Coalizão e do Iraque. As mais eficientes sempre eram as que mantinham um excelente relacionamento com a comunidade local. O iraquiano normal não quer o caos. Ele quer a oportunidade de criar seus filhos e de lhes proporcionar uma vida melhor. Se o ensinarmos a fazer isso, ele nos apoiará — e não aos terroristas.**MR**